



O ENSINO DA LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: CRENÇAS DE JOVENS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA ZONA RURAL

Solange Montalvão de Oliveira
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: solmontegbi@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo busca desenvolver discussões acerca das crenças de jovens alunos do 1º ano do Ensino Médio oriundos da zona rural no que tange ao aprendizado da leitura nas aulas de Língua Portuguesa. O texto traz um breve recorte de dissertação de Mestrado em Língua e Cultura que teve como objetivo investigar como as crenças de alunos oriundos da zona rural acerca do ensino de língua portuguesa influenciam a sua aprendizagem na 1ª série do Ensino Médio, em uma escola da rede estadual de ensino no município de Guanambi-BA, e de que modo o professor, tendo conhecimento sobre elas, pode construir novas estratégias que intervenham nessa realidade.

A aprendizagem da língua portuguesa, como língua materna, tem encontrado numerosas “pedras” difíceis de serem removidas em muitas escolas brasileiras. Essas pedras representam as dificuldades com as quais os alunos se defrontam nas aulas e têm gerado uma pluralidade de crenças por parte de quem ensina e sobre o que ensina e, conseqüentemente, por parte de quem aprende e sobre o que aprende.

As crenças adquiridas ao longo da nossa vida podem refletir muito o que pensamos a respeito daquilo que aprendemos, de como aprendemos, do contexto onde aprendemos, de quem nos ensina, bem como do uso que fazemos de tudo o que aprendemos. Nessa perspectiva, Miccoli (2010, p. 139) ressalta que uma das formas de pesquisar essas crenças é “a partir de relatos de aprendizes sobre a sua compreensão daquilo que vivenciam em seus processos de aprendizagem”. Além disso, Garbuio (2007, p. 117) acrescenta que “quanto mais soubermos sobre as crenças, mais poderemos fazer sobre elas, com elas e a partir delas”.

Em suas falas, os jovens alunos, sujeitos deste estudo, revelam como o trabalho com a língua foi angustiante no transcorrer do Ensino Fundamental até o Ensino Médio e quão difícil foi essa relação, principalmente no que concerne à leitura e à produção de textos. Essas dificuldades, entre outros fatores, tendem a torná-los, muitas vezes,



desinteressados e/ou apáticos nas aulas de língua portuguesa. Alguns desenvolvem ojeriza pela disciplina e acreditam ser incapazes de aprendê-la, evidenciando uma gama de “crenças” arraigadas tanto nas falas como nas mais diversas atitudes em sala de aula.

O conhecimento das crenças dos jovens aprendizes pode possibilitar ao professor rever a sua prática e as suas crenças há muito cristalizadas, uma vez que, provavelmente, muitas delas acabaram por influenciar as dos alunos. E isso, consequentemente, também ajudará o aluno a rever as suas crenças, procurando modificá-las à medida que as novas situações em sala de aula vão se configurando em novos e menos tortuosos caminhos de aprendizagem do português.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de atender ao objetivo proposto, adotamos a abordagem qualitativa de pesquisa. Para Godoy (1995, p. 21), “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”, dentre eles, o escolar, por atender aos anseios que os envolvidos nesse processo e o momento requerem. Essa metodologia nos propiciou uma maior interação com os sujeitos dentro e fora do contexto pesquisado, o que favoreceu relações de respeito e confiança entre nós e maior liberdade de expressão, motivando-os a falarem sobre suas dificuldades, suas apreensões, suas atitudes frente ao ensino da língua materna, expondo suas crenças e suas verdades durante os vários momentos em que dialogamos.

A pesquisa foi desenvolvida em duas turmas do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho (CEGLVF), do turno vespertino, constituída somente por alunos da zona rural, do município de Guanambi-BA.

Utilizamos neste estudo alguns procedimentos metodológicos e instrumentos de geração de dados que possibilitaram a análise e a compreensão das crenças dos alunos, a exemplo da observação participante (com registros em diário de campo), questionários e entrevistas semiestruturadas. Ao todo, foram observadas 22 aulas, sendo 11 aulas em cada turma - 18 aulas na primeira unidade e 04 aulas na segunda unidade. Os questionários foram aplicados nas duas turmas e totalizaram 63 questionários. A fim de esclarecermos determinadas situações ocorridas na escola e com os sujeitos deste estudo, realizamos entrevistas semiestruturadas com 18 alunos (selecionados das duas



turmas¹), com a professora regente das referidas turmas e com a diretora da instituição,

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constatamos que ao serem questionados sobre o que mais gostavam de fazer nas aulas de Língua Portuguesa, 48% dos alunos, de ambas as turmas, sinalizaram para as atividades de leitura. Contudo, essa preferência pela leitura restringe-se a alguns gêneros que, na concepção desses sujeitos, são divertidos e interessantes, como histórias em quadrinhos, comédias, contos, poemas e, principalmente, romances que, segundo eles, possibilitam: pensar na própria vida, comparando-a com a história lida; comparar a época em que se desenvolve as histórias com os tempos atuais; dividir com os amigos as passagens mais interessantes dos romances e contos lidos; estimular outras leituras fora da escola. Percebemos que os jovens alunos demonstraram a necessidade e o gosto que sentiam pelas atividades de leitura, quando essas representam algum significado ou função para eles. Porém, algumas atividades propostas nas aulas de Língua Portuguesa, que exigiam a leitura desses gêneros, principalmente romances e poemas, não conseguiram despertar nos aprendizes o gosto que eles diziam sentir pelo ato de ler.

Frente a este estudo, observamos que tais atividades traziam em si a intenção de fixar conteúdos de gramática, realizar interpretação de textos com foco, prioritário, nas ideias do autor e nas avaliações. Desse modo, o prazer que essas leituras podem despertar nos alunos, deixa de ser explorado, como afirma uma das discentes: *“Quando a professora passa romance, ela passa pra teste, pra prova, porque desde a 5ª série [6º ano], eu leio romance pra fazer prova, mas eu já li, também, muito antes da 5ª série, só pra ler mesmo. Porque eu gostava de ler mesmo, só pra saber como é que era”*. (Entrevista realizada em setembro/2012). Essa fala corrobora a visão de Prestes (2001, p. 16), quando discute sobre o trabalho com a leitura na maioria das escolas, salientando que: *“Quando se trabalha a leitura na escola, em geral, este é um quadro que ainda se apresenta: se são textos de maior fôlego, o objetivo é só preencher as famosas fichas de leitura, que, muitas vezes, até já vêm prontas das editoras”*.

A leitura desobrigada de uma atividade avaliativa e/ou com temáticas interessantes pode ser bem mais prazerosa e significativa para os alunos, uma vez que o

¹ Para as entrevistas, foram selecionados os alunos que haviam sido reprovados mais de uma vez no componente curricular Língua Portuguesa; os que afirmaram não gostar desse componente e os que tinham preferência por Língua Portuguesa.



principal objetivo da leitura - o de proporcionar o diálogo acerca do que leram, possibilitando que cada um se posicione frente ao texto - é atendido, como ressaltam Koch e Elias (2012, p. 21), “considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para outro implica aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto”.

Outro fator que contribuiu para a falta de interesse dos alunos foi a escolha dos livros paradidáticos feita pelo professor. Ao serem questionados sobre o que prefeririam: *escolher os livros para ler ou que a escolha fosse do professor*, a maioria dos alunos manifestou-se favorável à primeira opção, alegando que, desse modo, podem ler livros pelos quais interessam, pois entendem melhor o que leem e não precisam obedecer prazos. Ressaltam que os professores indicam qualquer livro, sem se preocupar com as suas necessidades e se sentem obrigados a ler o que não gostam, como destaca um dos alunos: “Quando o professor pede pra ler, indica, eu leio, mas não gosto não. Eu leio obrigado porque não tem jeito, só pra fazer a prova” (Entrevista realizada em setembro/2012).

Além disso, constatamos que as propostas de leitura envolviam, predominantemente, os textos do livro didático, principal recurso utilizado pelos professores dessas turmas. Para Prestes (2001, p. 16), “quando se trabalham pequenos textos, estes são retirados de livros didáticos que não possuem tipologia textual² variada nem temas que realmente despertem o interesse do aluno – textos esses cuja análise, muitas vezes se limita a responder perguntas óbvias”. Na percepção dos alunos, os textos dos livros didáticos são inadequados a sua realidade, além de serem de difícil compreensão.

Percebemos, pois, que esses alunos não têm sido devidamente estimulados no trato com a leitura. A falta de vontade de ler pode ser consequência da ausência de estímulo para o hábito de leituras livres, sem cobranças e sem avaliações para responder acerca do texto. Tudo isso nos possibilita compreender o quanto o trabalho com a leitura impositiva pode causar um efeito não positivo na aprendizagem dos alunos e tampouco contribuir para a aquisição do hábito da leitura. Muitos discentes das turmas em estudo, na realidade, anseiam por oportunidades que os coloquem em constante contato com

²Entendemos que, quando a autora cita “tipologia textual”, na realidade ela está se referindo aos gêneros textuais, que, segundo alguns autores, como Marcuschi (2008), apresentam diferenças. De acordo com esse autor (2005, p. 25, grifo do autor), “a expressão ‘tipo de texto’, muito usada nos livros didáticos e no nosso dia a dia, é equivocadamente empregada e não designa um tipo, mas sim um gênero de texto”.



leituras, que lhes possibilitem ter acesso a uma multiplicidade de gêneros textuais, além de irem ao encontro de suas reais necessidades, tornando-se úteis para eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a análise feita a partir dos dados gerados foi possível verificar que as crenças dos jovens alunos da zona rural acerca do uso da leitura nas aulas de Língua Portuguesa se originaram, principalmente, de suas experiências nos contextos institucionais de ensino-aprendizagem dessa língua, ou seja, na escola. Entendemos, também, que as opiniões dos alunos acerca dessa prática só denunciam que as dificuldades que sentem no que tangem à leitura são decorrentes, principalmente, do que e como tem sido ensinado nesses espaços. Como sinalizam, a leitura é a atividade de que mais gostam de realizar na escola, com destaque para os gêneros textuais contos, poemas, histórias em quadrinhos e, principalmente, os romances. A preferência por este último deve-se ao fato de possibilitar comparar realidades passadas e presentes, pensar sobre a vida, dividir com os amigos as emoções vivenciadas pelos livros, além de estimular leituras fora da escola. Entretanto, observamos que a escola não tem contribuído muito para o estímulo à leitura na percepção desses jovens, uma vez que impõe o que deve ser lido, tendo muitas vezes como fonte os textos do livro didático. Além disso, a obrigatoriedade das leituras está atrelada à resolução de atividades e avaliações, objetivos que não dialogam com o prazer de ler.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças; Leitura; Ensino de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

GARBUIO, Luciene Maria. Crenças e desafios na prática do ensino de língua inglesa: experiências de alunos do curso de Letras. **Revista Anhanguera Educacional** - Anuário da produção acadêmica docente. Valinhos, SP, v. 1, n. 1, p. 116-124, 2007. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/anudo/article/view/748/573>. Acesso em: 6 jul. 2011.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, nº 3, p. 20-29, mai./jun. 1995.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MICCOLI, Laura. Experiências, crenças e ações: uma relação estreita na sala de aula de LE. In: SILVA, Kleber Aparecido da (Org.). **Crenças, Discursos & Linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 2010. v. 6. p. 135-165.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **Leitura e (re)escritura de textos: subsídios teóricos e práticos para o seu ensino**. 4. ed. Catanduva, SP: Rêspel, 2001.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO